

# Banqueiros buscam fórmulas para financiar os países endividados

do Financial Times

Importantes funcionários dos maiores bancos centrais do mundo iniciaram domingo uma conferência de três dias em Nova York, para discutir possíveis soluções a longo prazo para a crise da dívida internacional, em meio a pressões cada vez maiores por novas iniciativas oficiais de auxílio aos países mais pesadamente endividados.

O Federal Reserve Bank de Nova York (Fed), que está promovendo a conferência, recusou-se a revelar o que foi discutido no domingo, mas os representantes de pouco mais de vinte bancos centrais presentes, segundo se soube, estão discutindo "medidas concretas e práticas" para auxiliar a restabelecer o financiamento aos países menos desenvolvidos em uma "base estável".

O presidente do Fed em Nova York, Anthony Solomon, manifestou na semana passada à Comissão Bancária do Congresso que, embora a expansão econômica de 3,5% ao ano estimada para este e o próximo ano nos países industrializados "certamente ajudaria os devedores", isto "não será suficiente para solucionar seus problemas".

O secretário do Tesouro norte-americano, Donald Regan, declarou na televisão neste fim de semana que "tem de haver uma fórmula melhor para tratar os assuntos monetários internacionais" que a base caso por caso.

## TEMARIO

As discussões de ontem centralizaram-se nos tipos de política e alterações institucionais e financeiras que poderão ser necessárias para garantir um financiamento adequado para os países menos desenvolvidos. De acordo com o programa, a abertura da reunião coube a um vice-presidente "sênior" do Banco Mundial, Ernest Stern, seguido pelo presidente do Banco Central da Turquia, Y. Canevi, que abordaria o tema de como combater a saída de capital, entre outros pontos.

O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière, discutiu a ampliação do papel do FMI para auxiliar a garantir políticas de ajuste seguras, e o vice-presidente do Citibank, William Rhodes, falou so-

bre as lições dos esforços de reescalonamento de 1982/83.

O "chairman" do Morgan Guaranty, Lewis Preston, debateu sobre a extensão e as limitações dos empréstimos bancários às nações menos desenvolvidas, fazendo considerações sobre como racionalizar a dívida existente em uma base a longo prazo e como apoiar novos fluxos no futuro.

Os representantes dos bancos centrais presentes à reunião, a primeira desse tipo desde a irrupção da crise da dívida internacional, há dois anos, procuram minimizar sua importância, caracterizando-a mais como uma oportunidade de reflexão do que um "brainstorm" para encontrar soluções imediatas para a crise da dívida mundial.

Entretanto, os funcionários mostram-se muito preocupados, segundo se soube, com o impacto dos recentes aumentos nas taxas de juros sobre a implementação bem-sucedida dos programas de ajuste apoiados pelo FMI em países que enfrentam problemas de dívida.

Solomon, por exemplo, sugeriu na semana passada que os banqueiros deveriam analisar a capitalização dos juros pagos pelos países em desenvolvimento, para contornar os problemas que possam surgir no cumprimento dos programas do FMI. Segundo assinalou, cada ponto percentual de aumento nas taxas de juros internacionais agrega US\$ 3,5 bilhões ou mais por ano nos custos do serviço da dívida dos países em desenvolvimento não produtores de petróleo.